

EXPRESSÕES E EXPERIMENTOS

Crônicas

*André Luiz Onghero**

30/06/2003

O homem que virou vapor

Chovia, as gotas penetravam na terra. Se ainda sentisse estaria feliz, encontrando as raízes das plantas e rapidamente se incorporando novamente à vida como elemento fundamental.

Outras gotas se envolviam nos relevos da terra e das pedras e corriam para os rios. Chover, cair, molhar, penetrar, cobrir, desaguar, ser fonte, substância.

As nuvens se desfazem lentamente ao acabar a maior carga e com o vento se dispersam dando lugar aos raios de sol. A luz branca atravessa o vapor e se divide em sete cores: o arco-íris sempre encontra olhos atentos para seus mistérios.

E, enquanto isso, as últimas gotas ainda escorrem das folhas das árvores formando movimentos circulares nas poças onde caem.

Logo estaria de novo no ar. Agora o tempo todo é de transformação, e o tempo já não existe. Tudo é simultâneo, não há mais antes e depois, nem limites individuais, tudo é totalidade e não há mais aquela idéia de parte, de ser sozinho. Não há mais lugar para esses pensamentos e nem para pensamento algum. Agora é só existência e nenhuma mente para duvidar disso. Existência.

Assim que os raios solares aquecem o chão, a evaporação recomeça para novamente estar no ar, no vento, nas nuvens. E também nas plantas, na terra, nos rios, fontes, mares e nos animais e pessoas que beberam (da água) e respiraram o ar umedecido.

Em tudo e em todos, unidade. E nem lembrança daqueles dias divididos.

08/08/2006

O desligamento do tempo e espaço

Quando fechava o livro que estava lendo, sentado no sofá da sala, ouviu o som do telefone. Mas não era o telefone de sua casa, e sim uma parte de uma das canções do trabalho solo de Roger Waters.

Naquele instante Gabriel lembrou que em algumas obras do Pink Floyd, o telefone aparecia como um símbolo. Lembrou também de uma parte da obra “Infância em Berlim por volta de 1900” de Water Benjamin que tratava dos primeiros telefones instalados em Berlim no final do século XIX. Ali, o autor já contava como o telefone representava um alívio, uma esperança para os solitários. Na obra do Pink Floyd, o alarme do telefone interrompia o momento de suicídio relatado na canção “The Final Cut” e na canção “Nobody Home”, assim como em outros momentos do filme e álbum “The Wall” o personagem tentava se comunicar com a esposa que o havia abandonado e que não atendia suas ligações.

Com estas imagens em sua mente, Gabriel percorria a casa, em seus afazeres práticos, quando curiosamente o fornecimento de energia elétrica foi interrompido. Nenhum problema se apresentava quanto a isso, pois era próximo ao meio dia, mas em seu interior, Gabriel sorriu pensando que havia ali outro símbolo da modernidade: a luz elétrica.

Outras vezes já havia pensado em como as pessoas sentem falta quando não podem dispor de seus equipamentos elétricos. A televisão, os aparelhos sonoros em geral, a claridade artificial das lâmpadas elétricas, os computadores e tantos outros aparelhos. A vida moderna trazia tanta dependência e tanto consumo, e, em certo sentido, eram tentativas de compensação sobre outra característica da vida moderna: a solidão.

Lembrou também de certo acontecimento, quando estava sentado no banco traseiro de um automóvel conduzido por seu amigo Lucas, acompanhado de Dalva, amiga em comum. Os detalhes daquele fato pareciam obscuros, mas o que conduzia sua memória era como lhe chamou a atenção que em certo momento estavam os dois amigos prestando atenção em seus aparelhos de telefone celular. Lucas recebeu uma chamada do seu emprego, perguntando sobre uma tarefa que tinha por fazer e enviar por e-mail. Dalva também estava ansiosa esperando uma ligação.

Naquele mesmo dia, Gabriel chegou a comentar com seus amigos aquilo que percebeu. Como a utilização daqueles aparelhos

possibilitava a comunicação com pessoas distantes e ao mesmo tempo intensificavam o desligamento das pessoas com o tempo e o espaço, próprio da vida moderna. Era possível manter contato com outros lugares em questão de instantes, rompendo os limites do espaço e do tempo que em outras épocas era necessário para se chegar aos lugares. Mas, por outro lado, desvia-se a atenção do lugar que se ocupa, que no caso, era o interior do veículo.

Gabriel comparava aquele fato, que passava despercebido por tantas pessoas com a vida cotidiana de outras culturas e épocas. Como nos antigos povos caçadores e coletores a atenção tinha que estar voltada para o momento presente, no lugar onde se estava, percebendo os sinais no ambiente, os rastros deixados por animais, as frutas, sementes, raízes das plantas, os rios, e tudo o que estava à sua volta, pois daquilo tudo dependia sua sobrevivência. Na agricultura e pecuária, também era preciso ter atenção e cuidado com as plantas, animais, mas a observação da natureza proporcionava uma dimensão maior de tempo, os ciclos naturais, épocas de procriação, plantios, colheita, etc.

As idéias provenientes do budismo ressaltam a idéia de viver o presente, estar com a mente voltada para o lugar e o momento em que se está vivendo, não se deixando perder em devaneios mentais. Mas isto se tornou bem difícil vivendo a realidade imposta pela sociedade industrial, em que as pessoas vendem seu tempo e se enclausuram em ambientes muitas vezes insalubres para produzir e trabalhar. Passam horas no trânsito, dentro de automóveis, ônibus, esperando em filas, caminhando em ruas sujas e perigosas, sentadas em cadeiras dentro de salas de aula. Em todas essas atividades, o refúgio da mente é abandonar os sentidos, não ver, não ouvir, não sentir e voar para bem longe em devaneios. Fazer planos para o fim do dia, para o fim de semana, para as férias, para a aposentadoria. Muitas vezes as pessoas passam o tempo a desejar que o tempo passe para chegar ao momento da recompensa pelo seu trabalho: o tempo livre. Daí, neste momento, a procura para preencher aquele tempo com atividades prazerosas.

Pensando tudo isso, Gabriel sentia que era também um fruto de seu tempo, que sua característica de pensar longe no tempo e no espaço e abandonar sua própria existência física foi também uma coisa aprendida no decorrer da sua vida. Às vezes, se considerava muito rico por ter bastante tempo e poder utilizá-lo conforme seu próprio ritmo.

09/08/2006

Catando lenha

Poderia ser ainda de manhã, mas na verdade as horas não importavam naquele momento. O movimento do sol de julho tangia o céu inclinado ao Norte, projetando sombra no lugar do acampamento durante a maior parte do dia. Apenas nas primeiras horas da manhã as barracas receberam um pouco da luz do sol e naquela hora a sombra já dominava a paisagem. Este fato não causava nenhum transtorno, pois mesmo sendo mês de julho, aqueles eram dias de calor e o frio se fazia presente apenas na água do rio e na madrugada.

Gabriel afastou-se do grupo silenciosamente e com calma foi percorrendo o terreno até aproximar-se do barranco coberto pela vegetação e pelas pedras. Ali procurava pedaços de madeira seca caída. Ainda era cedo para fazer o fogo do almoço, mas ele não se importava. A certa distância voltou-se e observou o grupo por alguns instantes. Todos estavam entretidos com conversas em torno do que restava da fogueira e pareciam não ter percebido seu afastamento. Da distância onde estava não conseguia ouvir o que diziam e isso não lhe importava, sorria por dentro por estar ali. Em seguida, virou-se e retornou à sua busca por lenha, afastando-se um pouco mais.

Caminhando entre a mata e a beira do rio, olhava atentamente o chão, ajuntava os gravetos secos e fazia pequenos montes para recolher quando voltasse ao acampamento. Em meio a essa atividade, começou a pensar sobre como lhe satisfazia realizar aquele tipo de

tarefa, tão simples. Lembrou-se da casa onde morava e da facilidade que era ter fogo no fogão a gás. Ali acampado, tudo exigia esforço e empenho, alimentar-se, aquecer-se no fogo, buscar água, apanhar frutas. Tudo exigia movimento de caminhar, subir, descer, carregar, cortar... Comparou então a vida na cidade, onde se trabalha em troca de dinheiro, e com ele se pode comprar os alimentos, morar, se locomover e tudo mais. Mas ali no mato, acampado, o trabalho é para atender as necessidades vitais e imediatas. As tarefas exigem tempo, atenção e conhecimento. Mas não é o mesmo conhecimento que normalmente se estuda na cidade. E ali não importavam quais diplomas se possuía, o status social, a conta bancária, o partido, a ideologia ou qualquer rótulo que se utiliza na sociedade. No mato, é preciso estar consciente e atento porque uma distração pode levar a um ferimento. Pensando nisso, Gabriel teve vontade, como tantas vezes já teve, de trocar sua vida na cidade por aquela vida mais simples, que tanto lhe agradava.

09/08/2006

O silêncio de João

As nuvens deslocavam-se no céu levadas pelos fortes ventos daqueles dias. Os dias estavam bem secos e não era fácil lidar com a agricultura naquele ano. A seca se prolongava há meses e para piorar, a única chuva que veio trouxe granizo e foi seguida de uma frente fria repentina que ocasionou duas geadas fortes que pegaram as plantas no início da brotação. João olhava o céu e frisava a testa, sua vista estava cansada. Arrumou o chapéu com a mão direita e pôs-se a subir o morro em direção ao roçado. Ele parecia estar cada vez mais parecido com aquela paisagem onde vivia há tantos anos. Seus olhos azuis como o céu, os cabelos brancos como as nuvens, a pele tão seca e castigada quanto àquela terra em que pisavam seus pés rachados. Era sua vestimenta que o diferenciava do ambiente, ao mesmo tempo em que mostrava sua cultura e sua condição social. Chapéu de palha, camisa listrada com vários remendos, assim como

a calça de brim bastante surrada. Nos pés castigados, chinelos de couro.

Ele seguia levando uma enxada. Havia ficado pra trás naquela tarde, sua esposa, seu filho, nora e neto já estavam na roça há alguns minutos. Há tantos anos fazia aquele caminho, há tantos anos trabalhava na lavoura e com os animais, sempre trabalhando para que a família pudesse se sustentar e nunca lhes houve sequer um período em que pudessem se considerar afortunados. Infortúnios climáticos, doenças, a vida daquela família nunca foi fácil. Aquela terra, adquirida há anos, foi o cenário do seu trabalho e sua luta. Juntos foram se degenerando. Naquela altura da existência, ambos estavam cansados pelo esforço de tantos invernos, verões, secas, enchentes, geadas, tantos plantios, tantas colheitas.

Apenas o som do vento a balançar os galhos das plantas se fazia ouvir e parecia ressaltar o silêncio daquela paisagem. Quantas histórias aquela terra teria para contar, sobre o tempo em que não havia aquela roça, nem estrada, nem casa, nem galpão, nem pastagem. Mas eram histórias que nenhum dos moradores queria saber, assim como a terra, João quase não falava. Sua voz vinha tão rouca que era difícil entender o que dizia, quando falava, o fazia com muito esforço. Mas mesmo nos anos passados, ele não era de muitas palavras. Sentava-se na varanda da casa e ficava quieto, fumando o palheiro, ou então tomava o chimarrão, passava a cuia e ouvia as conversas da esposa, dos filhos, as brincadeiras dos netos. Aquela era sua vida. Nos domingos ia na missa pela manhã, ouvia o que o ministro falava. À tarde, depois do cochilo, passava algum tempo na bodega, tomava uma cerveja e ouvia os vizinhos. Não se sabe o que ele pensava de tudo isso. Em sua família grande, era respeitado e todos o amavam sem que precisasse falar. Em suas atividades, na maior parte do tempo, estava em silêncio. Talvez estivesse ouvindo o mundo.

09/08/2006

Vitrine

Gabriel nunca foi uma pessoa muito sociável, sua relação com a sociedade sempre foi algo problemático, levando-o, muitas vezes, a sentimentos de decepção e tristeza. Sua tendência geralmente era se isolar e preferia estar sozinho do que com a maioria dos grupos. Algumas vezes, porém, ele experimentava fazer parte daquilo que para os outros era tido como normal. Uma dessas ocasiões foi quando era adolescente e tinha saído numa noite de sábado com alguns amigos. Foram a uma lanchonete onde costumavam ir os jovens daquela cidade nos finais de semana. Lá sentaram-se em uma mesa e Gabriel ficou observando discretamente ao seu redor. O local já lhe era conhecido, mas não as pessoas que ocupavam as mesas próximas, aparentemente eram jovens entre 15 e 25 anos.

Após algumas palavras sem importância, pediram refrigerantes. Em seguida, chegaram ao local algumas amigas que cumprimentaram alegremente e sentaram com eles. Logo, o garçom trouxe os refrigerantes. No decorrer do tempo Gabriel começava a se sentir isolado daquele pequeno grupo. Dos assuntos que conversavam, nada lhe interessava e percebia que tratavam-se de palavras superficiais procurando descontrair e fazer rir, mas na mente dele, outra reflexão estava se processando. Olhava para as pessoas ao seu redor, na sua mesa, na calçada a passar e todos lhe pareciam de alguma forma mascaradas. Pensou em si mesmo, percebendo que ali, naquela situação, naquele lugar, nem ele se parecia com o que pensava ser. Era também uma encenação, tentando parecer um adolescente normal, ou seja, igual aos outros. Percebia que ali todos pareciam bonecos. Não expressavam sua verdadeira personalidade, suas idéias, suas vontades. Procuravam dentro das atitudes que lhes eram esperadas, permitindo-se apenas pequenas variações. A maneira de vestir, de falar, os assuntos em conversa, tudo tão igualmente superficial. Lhe pareciam todos falsos, falsificações de modelos que lhes eram estranhos e até mesmo estrangeiros.

Nas ruas passavam automóveis. A maioria passavam em marcha lenta a observar as pessoas sentadas na lanchonete. Passavam mostrando sua presença e expondo a imagem que tentavam construir sobre a qual o automóvel e seus acessórios, inclusive sonoros, se destacavam.

Gabriel definia aquele lugar como uma vitrine, onde as pessoas estavam a se expor, procurando apresentar-se atrativamente umas às outras e ao mesmo tempo procurando alguém que atendesse aos seus anseios, ou melhor, que tivesse uma aparência considerada bela e atraente, uma promessa do prazer instantâneo proporcionado pelo olhar dos outros. Naquela vitrine as pessoas eram produtos. Produtos e produzidos. Produzidos pela indústria da cultura em sua mais efêmera manifestação: a moda. Um culto ao instantâneo, ao passageiro. Mas este foi um pensamento que Gabriel elaborou com o passar dos anos. Depois de muitas tentativas de compreensão, passou a entender como símbolos aqueles detalhes presentes nas roupas e acessórios das pessoas, enfim, na estética com a qual cada um se identificava.

Naquela noite os pensamentos de Gabriel ainda não estavam tão elaborados. Ele não conhecia as linguagens daquele mundo e sentia-se isolado. Muito mais solitário do que em uma montanha deserta. Ali ele sentia-se uma imagem em exposição, um produto a ser consumido, mas uma falsificação. Sentia que aquilo não lhe dava nenhuma satisfação, não queira ser consumido nem consumir ninguém, como faziam os outros. Até porque não estava disposto a pagar o preço que lhe parecia alto demais: jogar naquelas regras, usando uma daquelas máscaras.

Com o passar do tempo ele viveu diferentes situações e em algumas conseguiu suportar algumas máscaras e de algumas até chegou a gostar. Mas aquele desconforto e isolamento esteve presente ainda muitas vezes.

14/08/2006

O sorriso de Álvaro

Álvaro não conhecia seu próprio sorriso. Costumava levantar da cama pela manhã e lavar o rosto em frente a um espelho. Olhava o rosto, os cabelos, os olhos, conferia se não haviam ficado restos de “ramelas” em torno dos olhos. Conferia se era preciso barbear-se, abria a boca, colocava a língua para fora, examinava a garganta. Em seguida, fechava a boca, afastava os lábios e conferia a limpeza dos dentes. Era assim que ele olhava para si mesmo, procurando sujeiras para limpar, cabelos para pentear, barba para cortar, inflamações para tratar. De vez em quando a luz dava ao seu rosto tonalidades diferentes, e em alguns desses momentos ele ficava curioso e observava alguns detalhes, principalmente os olhos.

Não se considerava vaidoso, seus cuidados com a aparência eram bem básicos. Também não se considerava belo e tinha dúvidas sobre o como as pessoas o viam. Diante dessas dúvidas, olhava-se no espelho com um olhar interrogador. Se havia beleza em seu rosto, ele mesmo não era capaz de ver.

Sabia que as respostas para suas dúvidas não poderiam ser encontradas nas fotografias ou filmagens. Sentia-se desconfortável diante das câmeras e perdia toda sua naturalidade. Talvez por isso nunca gostava de sua imagem nestes meios e entendia que aquele não era seu verdadeiro sorriso.

Álvaro não conhecia o seu sorriso e isso também se encaixava com a idéia que já havia pensado várias vezes: nada que ele conhecia sobre si era igual à impressão que os outros tinham sobre ele, assim como as impressões que ele tinha sobre os outros e sobre toda a realidade, possuíam as limitações de seus sentidos e de suas interpretações. Por isso, mesmo que ele pudesse ver seu verdadeiro sorriso, seu olhar sobre ele nunca seria igual ao de qualquer outra pessoa.

22/08/2006

Culto moderno

O ritual se iniciava, centenas de pessoas estavam reunidas no templo e suas mentes vibravam em um grande transe alimentado pela própria força que se celebrava. No altar imponente, o sacerdote conduzia os fiéis com seus cânticos mântricos. Por todos os lados, homens e mulheres se relacionando, assumindo os papéis sugeridos e esperados. Vestindo os trajes produzidos pelas engrenagens sagradas, descendentes das primeiras deusas, precursoras do reinado. Impressos, nas vestes, os símbolos que distinguiam as pessoas, sugerindo sua posição na sociedade, indicando suas escolhas, preferências e disposições.

Em sacrifício, as pessoas entregavam sua consciência, em penitência, passavam horas em pé, suportando as adversidades, colocando seu corpo à prova, desafiando sua própria natureza. Exaltando a divindade, a comunhão de excessos. Bebidas, estimulantes, anestésicos, alucinógenos. A consciência devia ser sacrificada, até cada um tornar-se um autômato, assim como tudo o que era movido pela força divina.

Altas torres de caixas acústicas faziam vibrar frequências ensurdecedoras e estremecedoras. O templo tremia com as batidas rítmicas e a elas a multidão se entregava com movimentos repetitivos e maquínicos. Cortando a escuridão do templo, luzes estroboscópicas, no seu veloz piscar, transformavam os movimentos das pessoas em sucessões de imagens estanques. A realidade era transformada em um mundo fantástico, induzindo ao esquecimento da noção de individualidade. O indivíduo se dilui na multidão, todos tornam-se sons e luz, corpos em movimento interagindo como peças de uma grande engrenagem. A humanidade assumia a forma de sua criação, mas continuava humana, entregando-se à proteção de sua deusa moderna: a eletricidade.

Notas

*Licenciado em História pela UNOESC – Campus Chapecó. Mestrando em Educação pela UNICAMP.